



REVISTA MEMENTO V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014)
REVISTA DO MESTRADO EM LETRAS LINGUAGEM, DISCURSO E CULTURA – UNINCOR
ISSN 23176911

EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS FEMININOS NA MÍDIA IMPRESSA DE SERGIPE¹

Jaqueline Lima FONTES²
Maria Leônia Garcia Costa CARVALHO³

Resumo: Na imprensa de Sergipe, os discursos femininos emergem com maior afinco nas primeiras décadas do século XX, período em que se pode ressaltar a crescente reclamação das mulheres de classes mais abastadas por direitos que lhes eram negados. Paralelamente, observam-se, também, na sociedade sergipana, movimentos operários que instituem as primeiras organizações sindicais, por meio das quais passam a reivindicar melhores condições de trabalho. Somam-se a esses levantes, mulheres de classes pobres, anônimas artesãs de fábricas de tecido, que levantam suas vozes e denunciam as míseras condições a que eram submetidas, em jornais como *A Tribuna* (1932) e *A República* (1934), assumindo posições ideológicas em que deixam transparecer sua busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Ancorado na Análise do Discurso de linha francesa, este artigo analisa como os discursos femininos sobre o trabalho fora do ambiente doméstico apresentam uma evolução significativa no tocante às formas como as mulheres se apresentavam na mídia impressa, em que se pode constatar a presença de formações discursivas que se confrontam com a ideologia patriarcal, produzindo efeitos de sentido que representam e legitimam o novo contorno dos discursos femininos da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discursos femininos. Efeitos de sentido.

Introdução

Com o desenvolvimento do projeto *Práticas Discursivas Femininas em Sergipe de 1930 a 1935*, (CARVALHO, 2012), sob a ótica da Análise do Discurso, constatou-se que, a partir da primeira metade do século XX, os discursos femininos ganharam maior destaque no cenário midiático em Sergipe (especialmente em jornais e periódicos). No século anterior, os registros de discursos femininos eram escassos, devido, principalmente, à ideologia vigente no sistema patriarcal, cujas formações discursivas impunham formas de conduta, de instrução e, até mesmo de pensamento. Poucas eram as mulheres com instrução escolar, tendo-se em vista que os papéis a elas destinados eram os de dona de casa, companheira do esposo e mãe,

¹ Este trabalho é decorrente do desenvolvimento do projeto *Práticas discursivas femininas de Sergipe* (CARVALHO, 2012), financiado pelo CNPq.

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, jaquelinefontesjf@uol.com.br

³ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, marialeoniagarcia@yahoo.com.br



REVISTA MEMENTO V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014)
REVISTA DO MESTRADO EM LETRAS LINGUAGEM, DISCURSO E CULTURA – UNINCOR
ISSN 2317-6911

por conseguinte responsável tanto pelos cuidados domésticos como pela criação e educação dos filhos.

Dessa forma, as mulheres tinham seu espaço restrito ao lar. Foram pouquíssimas aquelas que conseguiram ir além do espaço doméstico e manifestaram-se, por meio de jornais locais, sobre assuntos distintos daqueles a que estavam habituadas, a exemplo da Profa. Etelvina Alves Siqueira, que se contrapôs às injustiças sociais, denunciando os maus tratos a que os negros escravos eram submetidos e lutando a favor do abolicionismo.

Segundo Carvalho (2012, p.77), “apesar dos estreitos limites que lhes eram impostos, algumas mulheres conseguiram ultrapassá-los, mesmo enfrentando barreiras e preconceitos, através de uma atuação mais ampla na vida social”. Sem dúvida, a educação foi determinante para desenvolverem uma consciência política e mostrarem que eram capazes de assumir outros papéis sociais. Além de Etelvina, outras se destacaram, no final do séc. XIX e início do XX, por suas atividades políticas e educativas, por seus artigos jornalísticos, por sua atuação em profissões liberais.

Paulatinamente, os discursos femininos vão tomando corpo, saindo do espaço privado e adentrando o público, passando a dividir postos antes só ocupados por homens em jornais e revistas, tanto editados em Sergipe como fora do estado. Nas três primeiras décadas do século XX, algumas mulheres sergipanas de classes mais abastadas passam, então, a reclamar por direitos idênticos aos dos homens, como o de educar-se, de ter espaço no ensino de nível superior, sobretudo em cursos cujo público predominante era o masculino, de trabalhar fora de casa aplicando-se a outras atividades que não as domésticas, de assumir outros papéis na sociedade.

Com o surgimento do capitalismo, no final do século XIX e primeira metade do século XX, desenvolve-se a produção têxtil em Sergipe, com importantes impactos culturais e socioeconômicos, especialmente na capital do estado, fazendo surgir uma classe proletária urbana. Em decorrência das necessidades cotidianas, mulheres de camadas pobres se veem obrigadas a trabalhar e a empregar seus filhos menores, submetendo-se a longas jornadas de trabalho e salários insignificantes.

Paralelamente ao movimento feminista, observam-se, também, na sociedade sergipana, movimentos operários que instituem as primeiras organizações sindicais, por meio das quais passam a reivindicar melhores condições de trabalho. Somam-se a esses levantes,

mulheres de classes pobres, anônimas artesãs de fábricas de tecido, que levantam suas vozes e denunciam as míseras condições a que eram submetidas. No início, seus discursos surgem tímidos, depois, aos poucos, tomam corpo e se manifestam na mídia, na tentativa de mudar o estado de indignação em que se encontravam.

E essa busca feminina por igualdade social e de direitos no mercado de trabalho, em Sergipe, se deu por meio da participação da mulher em jornais e revistas. Nesse artigo, enfocamos, em especial, os discursos femininos que versam sobre o trabalho, com o objetivo de evidenciar seus efeitos de sentido. Para tanto, nosso estudo respalda-se na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988). *A priori*, foram escolhidos discursos femininos da revista Renovação (1930 a 1934), por conter artigos que trazem questões relacionadas ao trabalho feminino, e jornais editados nos anos de 1931 a 1935, por apresentarem manifestações e denúncias trabalhistas de operárias sergipanas.

Discursos trabalhistas femininos da primeira metade do século XX

No início do século XX, a economia de Sergipe basicamente era mantida pela exportação de açúcar e algodão. Ao poucos, as usinas de açúcar e a indústria têxtil se desenvolvem e Sergipe insere-se na era da industrialização. Segundo Dantas (1939) em 1907, o Estado contava com 41 empresas e 1.742⁴ operários; e, em 1930, já dispunha de 237 empresas e 5.386⁵ trabalhadores. À medida que o Estado sergipano se expandia no setor industrial, apresentava um aumento na economia, na distribuição de empregos e havia, com isso, uma necessidade cada vez maior de a mulher inserir-se no mercado de trabalho.

No entanto, as condições de trabalho eram péssimas, os operários, em grande parte crianças e mulheres, trabalhavam em ambientes insalubres, sem ventilação, além de terem uma carga horária de trabalho extenuante, que chegava a 10 horas diárias, senão mais, para receber um salário que praticamente não dava para manter nem a assistência básica necessária à sobrevivência.

As mulheres que trabalhavam nas fábricas muitas vezes eram obrigadas a conviver com o assédio sexual dos patrões, pois, caso revidassem, eram demitidas. Além disso, se

⁴ Censo de 1907 (*apud* Dantas, 1939).

⁵ Armando Barreto. Cadastro de Sergipe. Aracaju, 1935. P. 101 (*apud* Dantas, 1939).

engravidassem elas eram postas para fora da empresa sem receber nenhum tipo de auxílio. De acordo com Dantas (1939), é com os movimentos operários de 1930 a 1935 que essa situação caótica começa a mudar. Tem-se registro de três fases importantes: 1) os movimentos de 1931 e 1932 (em 1931, os operários da empresa de Tração Elétrica entram em greve; em 1932 os trabalhadores aderem a mais uma greve por redução de jornada, aumento salarial e criação de sindicatos); 2) os movimentos de 1933 e 1934 (com as greves dos comerciantes de Aracaju), a fim de obterem melhores condições de trabalho e aumento do salário; 3) o movimento de 1935, por mais reivindicações em prol do aumento salarial, cumprimento dos direitos trabalhistas e redução das jornadas de trabalho.

Esses movimentos operários tiveram a participação ativa de mulheres que trabalhavam nas fábricas. Algumas delas fizeram valer sua voz e lideraram manifestações grevistas, como Maria Feitosa, Aurelina Mangueira e Eulália Santos, em 1932. A partir disso, pode-se depreender que a participação da mulher em manifestos trabalhistas desembocou numa série de aparições do público feminino: quando não em situações de greve ou de movimentos operários, as que dominavam a leitura e a escrita escreviam em jornais reclamando por melhorias no trabalho, ao passo que outras abriam suas próprias empresas. Em grande parte, os discursos mostravam como as mulheres partiam em busca de direitos de cidadania, como participação nas decisões do Estado e igualdade de tratamento no setor profissional.

Pressupostos teóricos

Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, campo de conhecimento surgido em 1969 a partir dos estudos do francês Michel Pêcheux (1969), o objeto de estudo é o discurso, isto é, a linguagem em curso na sociedade. O sujeito, nessa concepção, é abordado a partir de suas relações sociais, tendo em vista que ele é um ser social, histórico e interpelado ideologicamente. A Análise do Discurso, dessa maneira, lida com a tríade do linguístico, do histórico e do ideológico, que conferem ao sujeito a produção de efeitos de sentidos pelo discurso.

De acordo com Brandão (2004), são os processos discursivos que criam a produção de sentidos no discurso. Conforme a autora:

se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição de sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso. (BRANDÃO, 2004, p. 42).

Compreende-se melhor de que modo são produzidos os efeitos de sentido no discurso quando atentamos, primeiramente, para as *formações discursivas* (FD's). As formações discursivas são “os meios pelos quais as formações ideológicas se manifestam como função social, intervindo nas relações e na prática social; são “sítios de significância”, espaço de regulação e de confronto de muitos dizeres” (AMARAL, 2005, p. 43). Já as *formações ideológicas*, por sua vez, são o que sustenta as FD's, determinando o que pode e deve ser dito. Resumindo, é através de uma dada formação ideológica que o sujeito se instaura na sociedade, reconhecendo a si mesmo e estabelecendo sentidos em sua relação com o outro.

Por ser interpelado pela ideologia, o sujeito está suscetível a sofrer *assujeitamento*, uma vez que “o processo discursivo pelo qual o sujeito se constitui funciona de tal modo que, ao mesmo tempo em que o constitui, apaga esse fato, criando no sujeito a ilusão de autonomia e de origem e fonte de seu dizer [...]” (Mariani, 2006, p. 135). O sujeito produz sentidos achando ser ele o princípio de seu dizer, quando, na verdade, ele está reproduzindo formações discursivas que comportam em sua constituição marcas da ideologia dominante.

Para Michel Pêcheux (1988), além da ideologia que influencia a reprodução das relações de produção, o sujeito também é influenciado por outros fatores, como o econômico, “que condiciona os indivíduos a reproduzirem as condições de produção, afirmando que o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção se baseia numa divisão de classes, isto é, cujo princípio é a luta de classes” (PÊCHEUX, 1988, p. 144).

Segundo o autor, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1988, p. 163). Para interpretar os discursos há, portanto, que se tratar do sujeito em relação com a história e, quando falamos em sujeito em sua relação sócio-histórica, estamos falando de um sujeito ideológico que produz sentidos, sendo estes identificáveis a partir das formações discursivas interpretadas em seu discurso.

Efeitos de sentido nos discursos femininos sergipanos

Dentre os jornais do dado período, poucos continham discursos de autoria feminina frente aos protestos trabalhistas que tiveram grande repercussão na história de Sergipe no início da década de 1930 (o que já nos faz refletir sobre a condição da mulher numa época de dominância da ideologia patriarcal). Porém, o que nos chama atenção é que, apesar de as mulheres, nesta época, terem pouco espaço para escrever nos jornais, elas lutavam para repassar seus questionamentos, anseios e reivindicações (especialmente no tocante ao campo profissional).

No gráfico 1, podemos visualizar a quantidade de jornais que apresentavam discursos de mulheres. Percebe-se que a quantidade de discursos de autoria feminina era pequena, talvez pelo fato de serem poucas ainda as que tinham domínio da leitura e da escrita, ou, como dito anteriormente, por não terem espaço para se manifestar.

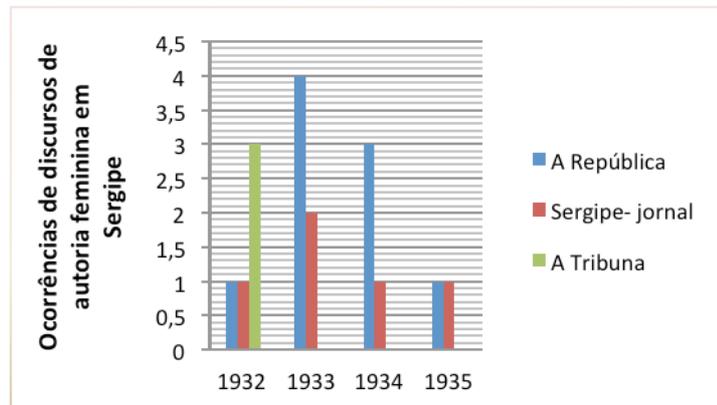


Gráfico 1: *Jornais que circulavam em Sergipe nos anos iniciais da década de 1930, em que foi constatada a ocorrência de discursos de cunho trabalhista, de autoria feminina.*

O recorte de tempo em que fizemos a triagem por discursos de autoria feminina nos jornais *A República* (1932-1935), *Sergipe – Jornal* (1932-1935) e *A Tribuna* (1932) é pequeno, porém expressivo: trata-se dos primeiros anos decorrentes da aprovação do direito ao voto pela mulher, que se deu em 1932, e porque esses primeiros anos depois da aprovação do voto feminino nos serve de “marco inicial” dos discursos femininos sobre o trabalho após essa grande conquista nas decisões do Estado. A seguir, procedemos às análises desses discursos (apenas os de autoria feminina).

Dentre os jornais selecionados, foram identificadas dezesseis ocorrências de discursos femininos sobre o trabalho. Neste artigo, analisamos três discursos, a saber: os discursos de Marinetti Cardoso (revista *Renovação*), Leonor Telles (jornal *A República*) e Maria Feitosa (jornal *A República*). Em contraste aos discursos femininos de períodos anteriores à década de 1930, que geralmente eram de assuntos mais voltados à educação dos filhos, aos cuidados com a casa e o marido, as mulheres foram cada vez mais tomando partido de um tipo de discurso mais incisivo e questionador, com vistas a legitimar a luta feminina por direitos igualitários. Observe-se o segmento discursivo (SD) a seguir:

(SD1) O alvo feminista, é que a mulher tenha o direito livre de cooperar para o bem estar do lar, da família, da sociedade, enfim, para o desenvolvimento da pátria Brasileira. Entretanto, não pensem os homens que as mulheres querem ou visam tomar-lhes os direitos ou suplantar-lhes as ideias, não; continuarão sendo o que realmente são – homens. As feministas, muito ao contrário desse modo de pensar, querem ser bem mulheres, mas que saibam pugnar pelos direitos de mulheres que desejam trabalhar e atuar em tudo quanto diz respeito ao nosso desenvolvimento político [...]. (CARDOSO, 1931, nº 18, p.11).

O segmento discursivo acima, de autoria de Marinetti Mendonça Cardoso, foi publicado na revista *Renovação*, em agosto de 1931, sob o título “feminismo”. Marinetti inicia seu discurso anunciando a entrega do segundo relatório do congresso internacional feminista ao presidente Getúlio Vargas pelas senhoras Bertha Lutz, Maria Luiza Bittencourt, entre outras, e, posteriormente, como se vê em (SD1), ela assevera que o objetivo principal do feminismo é que a mulher tenha o direito livre para cooperar com o desenvolvimento da pátria brasileira, ainda que não se esqueça de mencionar antes o “bem-estar do lar, da família e da sociedade”. Percebe-se, neste segmento, que embora a mulher queira ampliar suas funções, queira maior liberdade para dedicar-se ao bem-estar social e ao desenvolvimento da pátria, há um interdiscurso que nos remete ao imaginário construído sobre o papel social destinado à mulher na sociedade patriarcal: “bem estar do lar, da família”. Essa montagem discursiva, ao apelar para a rede de memória patriarcal, põe em relevo uma filiação identificadora que vai gerar novos efeitos de sentido. Ao espaço da atualidade (a reivindicação das mulheres por uma atuação mais ampla na sociedade, no desenvolvimento da pátria), articula-se o espaço de memória (lembrança do espaço e o papel predestinados à mulher desde tempos imemoriais)

provocando assim efeitos de sentido diversos que tanto poderão dar ênfase à inter-relação desses espaços discursivos temporais, acatando-a, como poderão negá-la, rejeitando-a.

Ao pronunciar “não pensem os homens que as mulheres querem ou visam tomar-lhes os direitos ou suplantá-lhes as ideias, não; continuarão sendo o que realmente são – homens”, Marinetti demarca uma posição-sujeito de forma neutra, a fim de não confrontar com o sistema patriarcal que diferencia homens e mulheres nas suas relações sociais. Os verbos *querer* e *visar*, empregados por Marinetti, estabelecem essa “neutralidade” no discurso, na medida em que reproduz o efeito de sentido de que não é do desejo das mulheres tomar o lugar do homem. E, de forma a enfatizar ainda mais esse argumento, Marinetti usa o verbo ‘visar’ para anunciar que, além de as mulheres não terem a vontade de tomar o lugar do homem, elas efetivamente não farão isso. O uso de verbos como ‘querer’, ‘visar’, ‘suplantar’, em (SD1), são evidências que configuram o *caráter material do sentido* (cf. Pêcheux, 1988), que, conforme Pêcheux (1988), as palavras...

[...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas (as palavras, expressões, proposições, etc.) adquirem seu sentido em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inscrevem. [...]. Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da *formação discursiva* na qual são produzidas, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1988, p. 160-161).

Levando em consideração as condições de produção do discurso de Marinetti, isto é, o contexto histórico e social no qual se insere seu discurso em época determinada: um período marcado pelas lutas sociais femininas em prol da proclamação por igualdade de direitos; período em que a mulher foi adquirindo maior espaço na mídia impressa sergipana; período das manifestações e movimentos de operários, etc., é preciso destacar que as escolhas lexicais realizadas pela autora do discurso (SD1) trazem embutidas em seus sentidos, formações ideológicas que ancoravam as formações discursivas de sua época, a de que o homem era o sujeito ideal para o desenvolvimento e progresso do país. Não é à toa que Marinetti parte de um discurso mais neutro (“não pensem os homens que as mulheres *querem* ou *vizam* tomar-lhes os direitos”) para, somente depois, anunciar os objetivos das mulheres.

No segmento discursivo “as feministas, muito ao contrario desse modo de pensar, querem ser bem mulheres, mas que saibam pugnar pelos direitos de mulheres que desejam trabalhar e atuar em tudo quanto diz respeito ao nosso desenvolvimento político”, Marinetti evoca um interdiscurso que está atrelado à memória do discurso patriarcal de que a mulher é um ser frágil e que sua missão é o lar, cuidar das tarefas domésticas e/ou dos filhos, e em “resposta” a esse tipo de formação discursiva patriarcal, Marinetti acrescenta o espaço de atualidade, que as mulheres desejam trabalhar e atuar em tudo que diz respeito ao desenvolvimento do país.

(SD2) As mulheres querem trabalhar, mover-se e agir livremente. Muitas vezes, as moças são prejudicadas pelos preconceitos dos pais que ainda trazem consigo restos de um ferrenho carrancismo, como se costuma chamar vulgarmente. (CARDOSO, 1931, nº 18, p.11)

Em (SD2), trecho do mesmo discurso, há um movimento de sentido que ocorre por meio de expressões que visam confrontar uma ideologia dominante nas relações de gênero: as mulheres são ensinadas desde crianças a obedecerem aos pais e a se comportarem como verdadeiras damas, reservando-se aos trabalhos mais sublimes (como atividades religiosas) ou aos afazeres domésticos. Marinetti faz uma crítica a essa ideologia que castra da mulher o direito de trabalhar e agir livremente, quando usa a expressão “restos de um ferrenho carrancismo”. Etimologicamente falando, a palavra carrança, de acordo com o dicionário Houaiss (2007), significa ‘pessoa que vive presa ao passado, às tradições’. O seu uso veio acentuar a crítica de Marinetti a essa maneira de os pais tratarem as filhas mulheres.

O segmento discursivo (SD3), de autoria de Leonor Telles, publicado no jornal *A República*, em setembro de 1934, é mais um registro de discurso sobre o trabalho.

(SD3) É que a mulher sergipana tem se revelado forte uma afirmação de inteligência, de trabalho, de vontade e de altivez, cumprindo sem desfalecimento todos os deveres que lhe são impostos, sejam estes levados entre risos e cânticos, ou meio em meio de lágrimas e prantos. (A República, Aracaju, quinta-feira, 27 de Setembro, Ano III, nº 851, 1934).

As palavras proferidas por Leonor refletem o momento histórico por qual passam as mulheres sergipanas, momento de maior inserção feminina nas discussões políticas. No

segmento discursivo “é que a mulher sergipana tem se revelado forte uma afirmação de inteligência, de trabalho, de vontade e de altivez”, o emprego do verbo auxiliar de tempo *tem*, em terceira pessoa do presente do indicativo (*tem*), acompanhado do verbo no particípio (*revelado*) indica uma ação contínua, isto é, algo que ainda não se concluiu. Dizer que a mulher ‘*tem se revelado forte*’ é um contra-argumento à formação discursiva que diz que a mulher é fraca, menos inteligente que o homem e que deve dedicar-se apenas aos serviços domésticos e/ou religiosos.

O segmento discursivo “cumprindo sem desfalecimento todos os deveres que lhe são impostos, sejam estes levados entre risos e cânticos, ou meio em meio de lágrimas e prantos”, é mais um exemplo de como Leonor se ancora num pré-construído cuja ideologia que dita as regras do que é ser mulher e do que é ser homem na sociedade é trazida sob um outro olhar em seu discurso: Leonor utiliza expressões, proposições de uma maneira que pretende combater esse tipo de discurso que diz que a mulher é fraca, que não possui aptidões físicas para o trabalho fora do lar. O verbo *desfalecer*, que no Houaiss (2007) significa, dentre outros termos, ‘perder as forças físicas, enfraquecer’, apresenta um efeito de sentido que visa confrontar essa ideologia patriarcal, na medida em que Leonor argumenta que as mulheres estão cumprindo sem desfalecimento os seus deveres.

A inserção de mulheres em movimentos operários, como no caso de Maria Feitosa, apresentado no início dessa seção, foi ganhando destaque com a publicação de discursos na mídia impressa, espaço em que as mulheres conseguiam atingir um público feminino cada vez maior para conscientizá-lo a respeito de seus direitos.

Antes de escrever em jornais, Maria Feitosa, operária da fábrica da Passagem da Cidade Villanova (atual município de Neópolis), fez uma denúncia das condições de trabalho na empresa em que trabalhava e teve uma nota publicada no jornal *A Tribuna* (1932), intitulada “Queixa contra os patrões”, cujo teor era:

Somos informados que a operária tecelã Maria Feitosa, de Villanova, apresentou hoje ao Dr. juiz dos direitos operários uma queixa fundamentada contra os Srs. José da Silva Peixoto e Joaquim Gonçalves Peixoto, patrões da fábrica de tecidos da Passagem” (A TRIBUNA, nº 241, 1932).

Tal fato foi confirmado através da publicação de uma entrevista com a própria chefe do movimento, Maria Feitosa, no jornal “A República” que apresentamos a seguir:

(SD4) “Infelizmente, não somos operários sindicalizados, nos proibiram de formar nosso sindicato. Prometeram ao Dr. juiz de direito de lá que não nos perseguiriam, e depois, agora, não cumprem a promessa... Somos todos pobres, sem nenhum recurso, carregados de família, trabalhamos como uns desesperados, recebemos no fim de semana uma mesquinha de tostões que não paga ao menos para a gente alimentar e dar o bocado disso aos pais velhos e aos filhos, e depois, porque se protesta contra toda essa miséria, botam a gente no olho da rua... isso está direito senhor jornalista? Corta-se um dedo, um braço, uma perna, no trabalho, e eles apenas, quando querem, pagam o remédio da botica e nada mais. Entretanto, há leis que nos garantem. Vou queixar-me ao doutor juiz dos operários e pedir providências, não mais para mim, que não desejo voltar à Passagem, mas, para melhorar a situação dos meus companheiros de Villanova”. (FEITOSA, *A república*, 1932).

Na entrevista, Maria Feitosa demarca sua posição-sujeito quando assume, publicamente, que é uma cidadã sem direitos e denuncia a proibição de formar um sindicato para que ela e outros operários possam lutar por melhores condições de trabalho. De acordo com Carvalho (2012, p. 152) “ao produzir seu discurso, o sujeito toma posição na estrutura social da qual faz parte, assume uma de suas formações ideológicas e fala de dentro dela”. Tal postulado nos explica bem a interpretação da posição de Maria Feitosa em (SD4), posto que a autora do discurso toma o partido dos operários ao inserir-se no discurso por meio do pronome “nós”, proferindo os dizeres: “infelizmente, não somos operários sindicalizados, porque eles mesmo, os patrões, nos proibiram de formar nosso sindicato”. Assume, assim, uma posição que se confronta com a ideologia dominante da época, a que resguarda direitos somente aos patrões.

Tendo em vista que a década de 1930 era uma época em que muitas mulheres, sobretudo operárias e pobres, eram “silenciadas” pela sociedade, mesmo quando suas queixas eram fundamentadas, a denúncia dos patrões à justiça, realizada publicamente por uma mulher, revela a apropriação de uma posição contrária à da ideologia dominante, portanto, ao Sujeito universal.

Fiorin (1990) (*apud* FONTES; CARVALHO, 2012) ressalta que a Análise do Discurso vai mostrar que “o sujeito inscrito no discurso é um ‘efeito de sentido’ produzido pelo próprio discurso, isto é, seus temas e suas figuras é que configuram a ‘visão de mundo’ do sujeito” (FIORIN, 1990, p. 49). E, dessa maneira, o sujeito se revela assumindo posicionamentos que podem ser tanto contra ou a favor da ideologia dominante. O discurso de

Maria Feitosa contraria uma ideologia dominante, ou seja, dos que detinham o poder: os patrões. Levantar-se contra essa ideologia é mostrar-se como um “mau-sujeito”, aquele que argui, questiona as regras vigentes, e isso contrasta bastante com a conduta das mulheres e dos operários da época, que se portavam como bons-sujeitos, ou seja, curvavam-se ao Sujeito universal, ou em outras palavras, à ideologia dominante, o que nos faz atentar para a maneira como o embate ideológico e as lutas de classes se instauram na sociedade, assim como explica Magalhães (2013):

[...] o confronto entre posições sociais e ideológicas diferentes passa a ser visto como forma obsoleta de relações. Foge-se dos debates que apontam a radicalidade da luta de classes e as contradições viram apenas oposições que podem ser sanadas com ações que não ameacem o lugar do dominante, mas que “aparecem” como mudança para o dominado que permanece no mesmo lugar. (MAGALHÃES, 2013, p. 205 *apud* Petri; Dias, 2013).

Com base na fala de Magalhães (2013), é possível confrontar o discurso de Maria Feitosa com o da ideologia dominante (a do capitalismo) e concluir que Maria Feitosa assume uma posição que vai contra essa ideologia a partir do momento em que ela traz à tona, publicamente, sua voz de cidadã sem direitos trabalhistas, e, pior, sem poder ter acesso aos seus direitos, impedida pelos próprios donos da fábrica em que trabalha.

Maria Feitosa encerra sua entrevista dizendo: “Trago de todas as minhas irmãs de trabalho, de greve e de martírio, os nossos agradecimentos a ‘*A Tribuna*’ pelo que tem feito em benefício dos infelizes operários da nossa terra”⁶. O uso do substantivo masculino (martírio) muito bem demonstra os sofrimentos aos quais os operários eram submetidos. A utilização desse termo, sem dúvida, torna mais consistente a denúncia por direitos trabalhistas, revelando-se como um discurso que foge aos padrões dos que geralmente eram proferidos pelas mulheres de sua época.

Chega-se, então, à conclusão de que os discursos femininos do início da década de 1930 investem na luta por direitos igualitários para homens e mulheres, especialmente por mais espaço na sociedade e no mundo do trabalho, o que pode ser visto através dos recursos linguísticos e estratégias neles utilizados, que revelam contornos de confrontação com as formações discursivas dominantes.

⁶ Essa transcrição faz parte da mesma entrevista publicada no jornal *A República*, de 21 de janeiro de 1932.



Considerações finais

Este artigo teve a pretensão de evidenciar os efeitos de sentido decorrentes de discursos femininos que tratavam da temática do trabalho na mídia impressa sergipana do início da década de 1930. Apresentamos alguns excertos publicados em jornais da época e na revista *Renovação*, e tentamos demonstrar, sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa, seus efeitos de sentido. Constatamos a presença de formações discursivas feministas ou trabalhistas que tentam se confrontar com a ideologia dominante, ao perceberem os enunciadores o quanto foram degradados seus direitos.

Verificou-se também, nos discursos apresentados, o emprego de elementos linguísticos que, apesar de indicarem um apelo à memória patriarcal (aquela cuja ideologia se ancora em formações discursivas do tipo: “lugar de mulher é em casa”), põe em relevo uma filiação identificadora que vai gerar novos efeitos de sentido, demonstrados ora sob a forma de uma posição-sujeito neutra, a fim de não afrontar o sistema patriarcal; ora assumindo posicionamentos que vão contra a ideologia patriarcal.

Demonstrou-se também, nesse estudo, que os discursos proferidos por mulheres (a exemplo de Marinetti Cardoso e Leonor Telles) nem sempre representavam a ideologia dominante de sua época. Elas utilizavam, em seus dizeres, contra-argumentos às formações discursivas patriarcais, na busca de combater a memória que considerava a mulher frágil e sem as habilidades necessárias para trabalhar fora do lar. Com isso, surgem discursos que geram sentidos de uma nova figura feminina, não mais aquela que se conforma com a mera condição de mãe ou dona de casa, mas que tem capacidade de competir de igual para igual com os homens no mundo trabalho e dos negócios.

Nessa tentativa de desvelar os discursos, observamos neles o caráter das contradições de classe e gênero, que, ao mesmo tempo em que se apresentam como modernos, inovadores, capazes de apontar o caminho para a mudança, silenciam sobre a ideologia de acomodação e ajuste ao modelo capitalista patriarcal vigente, o que nos leva a perceber o poder da ideologia dominante.



REVISTA MEMENTO V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014)
REVISTA DO MESTRADO EM LETRAS LINGUAGEM, DISCURSO E CULTURA – UNINCOR
ISSN 2317-6911

*EFFECTS OF MEANING OF WOMEN'S DISCOURSES IN THE PRINT MEDIA OF
SERGIPE*

Abstract: *In press of Sergipe, the women's discourses emerge with greater tenacity in the first decades of the twentieth century, period in which it can highlight the growing complaint of women from wealthier classes by rights that were denied to them. In parallel, we also observe in the sergipana society, labor movements establishing the first trade unions, through which pass to demand better working conditions. Added to these uprisings, women from poor classes, anonymous artisans of fabric factories, raising their voices and denounce the miserable conditions to which they were subjected, in newspapers such as The Tribune (1932) and The Republic (1934) assuming ideological positions that leave transpire their quest for a more just and egalitarian society. Anchored in Discourse Analysis of French line, this article analyzes how the women's discourses on the subject of work show a significant evolution regarding the ways in which women are presented in the print media, which can be seen in the presence of discursive formations that confront the patriarchal ideology, producing effects of meaning that represent and legitimize the new contour of the female speeches of the first half of the twentieth century.*

Keywords: *Discourse analysis. Women's discourses. Effects of meaning*

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1985.
- AMARAL, M. V. B. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: Edufal, 2005.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: editora da UNICAMP, 2004.
- CARDOSO, M. M. Feminismo. Renovação, Aracaju, Casa Ávila, ano I, n. 18, 3 de ago. p. 11. 1931.
- CARVALHO, M. L. G. C. **A construção de uma discursividade feminista em Sergipe: a revista Renovação na década de 1930**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- CARVALHO, M. L. G. C. **Discursos femininos e alteridade: a construção de uma identidade de gênero**. 2007. 102 f. Tese (Doutorado em Letras) - Núcleo de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2007.
- DANTAS, I. **História de Sergipe: república (1889 – 2000)**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2004.
- FEITOSA, M. A greve operaria de Villanova: uma entrevista com a chefe do movimento. A Tribuna, Aracaju, ano I, n. 240, 21 de jan. 1932.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- FLORENCIO, A. M. G. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Maceió: Edufal, 2009.
- FONTES, J. L.; CARVALHO, M. L. G. C. Evolução dos discursos femininos na mídia impressa de Sergipe (1932-1950). In: I ENCONTRO DE INICIANTES EM PESQUISADORES DE HISTÓRIA, 2012, Sergipe. **Anais** do 1º IH. Sergipe: UFS, 2012, p. 227-236.
- MARIANI, B. **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006.



REVISTA MEMENTO V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014)
REVISTA DO MESTRADO EM LETRAS LINGUAGEM, DISCURSO E CULTURA – UNINCOR
ISSN 2317-6911

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: editora da Unicamp, 1988.

ROMÃO, F. L. **Na trama da história**: o movimento operário de Sergipe – 1871 – 1935. Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda., 2000.

TELLES, L. A mulher sergipana e o momento político. A República, Aracaju, ano III, n. 851. pag. 1, 27 de set. 1934.